

A agenda autoritária de Trump

A ameaça do presidente Trump de desencadear uma guerra nuclear contra Coréia do Norte não era um “excesso” trumpiano. James Mattis, o novo Secretário de Defesa, um General da Marinha aposentado, deu muito claramente o seu apoio às declarações de Trump. O que a administração exige é que a Coreia do Norte congele o seu programa nuclear, incluindo testes de mísseis.

Quando o Secretário de Estado Rex Tillerson acentua a diplomacia, não contradiz de todo a posição de Mattis e Trump. O que Tillerson expressa através da “diplomacia” é a mesma exigência de que a Coreia do Norte congele seu programa em troca de nada por parte dos Estados Unidos.

Pyongyang não pode satisfazer esta exigência, sabendo que a aceitação de um tal congelamento seria um primeiro passo para a renúncia total ao seu programa nuclear. Se isso acontecesse, Trump iria invadir o país e, assim, acabar com a Guerra da Coreia, derrubando o Norte. Isto ameaçaria diretamente a China.

A situação se tornou muito perigosa

Esta crise apoia a alegação de Trump de que os Estados Unidos precisariam de um regime autoritário liderado por ele mesmo.

Para entender melhor como essa situação surgiu, é útil dar uma olhada na trajetória de Trump.

Donald Trump é presidente há pouco mais de seis meses. Durante este período, além de apontar o dedo às suas mentiras, às suas mudanças abruptas de posição, aos seus comentários racistas e sexistas, etc., os meios de comunicação social do establishment queixaram-se de que ele não agiu de forma “presidencial”, recusando-se em particular a dar satisfação às personalidades desse establishment político não só aos Democratas, mas cada vez mais também aos Republicanos.

Foi possível ler em um fórum livre publicado no New York Times: “Na Casa Branca de Donald Trump, Reince Priebus e Sean Spicer eram mais do que secretário geral e diretor de comunicação. Eles eram a ligação do presidente com o establishment de Washington: doadores, representantes e apparatchiks dos dois partidos cuja influência na política e na economia desejaria que muitos dos apoiadores de Trump desaparecessem”.

“Demitindo o Sr. Priebus e o Sr. Spiecer, o presidente Trump enviou uma mensagem: depois de seis meses tentando se comportar como um presidente republicano convencional, acabou. Os seus opositores não são agora apenas os democratas, mas as elites dos dois partidos.”

No início de seu mandato, Trump demitiu o diretor do FBI, James Comey, um republicano que, enquanto na administração Bush, defendeu o uso da tortura (incluindo waterboarding, afogamento simulado) e outras medidas reacionárias que Trump apoia. Ele não foi demitido, portanto, por suas posições políticas, mas por sua deslealdade a Trump.

Durante a campanha eleitoral presidencial de 2016, J.B.Comey tomou a iniciativa, incomum para um diretor do FBI, de intervir na eleição, abrindo inquéritos públicos sobre os dois principais candidatos, Hilary Clinton e Donald Trump. Ele aparentemente queria estar em uma posição onde pudesse ter algum recurso contra o vencedor, seja ele quem for, como tinha feito antes do célebre caçador de bruxas e ex-diretor do FBI J. Edgar Hoover [Em 1924, J.B. Hoover assumiu a direção de um novo serviço do Ministério da Justiça em Washington: o Bureau of Investigation. Em 1935, o serviço tomou seu nome atual, FBI (Federal Bureau of Investigation), que continuou a se desenvolver desde então. Hoover liderou esta instituição por um período que abrangeu o mandato de oito presidentes, de Coodlidge a Nixon. Ele morreu, ainda no cargo, em 1972].

Uma semana antes da eleição, Comey disse publicamente que a

investigação Clinton ainda estava em aberto. Depois das eleições, Clinton disse que tinha perdido por causa dos russos e do Comey. Quando Trump tomou posse, Comey abandonou suas ameaças contra Clinton e continuou sua investigação sobre o suposto conluio entre Trump e a Rússia para influenciar as eleições americanas. De repente, Clinton e os Democratas começaram a cantar os louvores de Comey. Quanto a Trump, ele disse, “Ele está despedido” (de acordo com sua expressão favorita, “you’re fired”, em seu reality show The Apprentice) por não abandonar a investigação.

Trump humilhou recentemente Jeff Sessions, seu ministro da justiça, por se retirar da investigação – uma deslealdade flagrante. Desde então, Sessions pende por um fio, fazendo seu melhor para antecipar todos os desejos de Trump, colocando suas políticas de imigração em prática ou prometendo colocar na cadeia aqueles que vazam qualquer coisa sobre as maquinações secretas de Trump.

Quando os republicanos foram incapazes de suprimir o Obamacare por causa de suas batalhas internas, Trump preparou uma reprovação ao Congresso (onde os republicanos estão em maioria). E agora, ele continua a exigir que eles continuem incessantemente suas tentativas de suprimir o Obamacare (um projeto que ele sabe que está morto antes do nascimento), para que ele possa continuar a humilhá-los por sua incapacidade de fazer o trabalho.

Com entre 35% e 40% dos opiniões favoráveis, as taxas de aprovação de Trump são baixas em comparação com outros presidentes nesta fase de seu mandato. Mas os índices de aprovação de Hilary Clinton são ainda mais baixos e o “Congresso”, de um dígito, 9%, ainda pior. Culpar este Congresso disfuncional que nada faz, no entanto, não aumenta sua popularidade.

Apesar de tudo isto, o Trump faz uma fuga para a frente. Quando os tribunais bloquearam suas proibições radicais contra

os muçulmanos, sua ICE (Immigration and Customs Enforcement) não deixa de usar o direito de veto para fazer quase tudo o que quiser. O ICE foi assim mais ou menos convocado a empenhar-se em deportações brutais de latinos[1], contando com as orientações mais calmas, mas não menos maciças, de Obama, o “deportador-chefe” até à chegada de Trump.

Ele recorreu a ordens executivas (ordens executivas, um instrumento para reforçar o executivo à custa do legislativo que foi construído pouco a pouco durante décadas) a fim de dar luz verde aos gigantes das energias fósseis, quando a sua Agência sobre a proteção do ambiente está a ser desmantelada sob a direção de um cético climático.

Um projeto de lei que busca suprimir o direito de voto de certos eleitores em estados recentemente controlados por republicanos foi acelerado pelos esforços de Trump para “investigar” como “três milhões de trabalhadores indocumentados” puderam votar em novembro passado, o que “explica” sua perda do voto popular.

Desde o jardim-de-infância até ao ensino secundário, toda a escola pública tem sido alvo de ataques por parte dos Democratas e Republicanos, com cortes orçamentais progressivos, ataques a sindicatos de professores, etc. A chefe do Departamento de Educação, a bilionária Betsy DeVos, continua o ataque. Ela é bem conhecida por suas tentativas de desviar fundos destinados às escolas públicas para escolas privadas (religiosas em particular).

A recusa de Trump de ser “presidencial” e de parar seus incessantes tweets que atacam a mídia, o establishment e qualquer pessoa em sua administração que não esteja 100% pessoalmente com ele deixa muitas cabeças progressistas e pensadoras da mídia atordoadas. Alguns expressaram a esperança de que quem quer que substituísse Priebus à frente de sua equipe da Casa Branca, o General John Kelly, domaria Trump.

O General Kelly era anteriormente (e com Trump) o chefe do Departamento de Segurança Interna, que supervisiona o ICE e a ação desencadeada pela agência não apenas contra os latinos indocumentados, mas também contra a comunidade latina como um todo. Este fato deveria ser suficiente para acalmar o ardor dos progressistas; mas a esperança dos que crêem ingenuamente no capitalismo progressivo é eterna.

É ridículo acreditar que ao trazer disciplina militar para a Casa Branca por uma equipe de conselheiros que só trabalham por seus interesses e para obter favores, Kelly também será capaz de disciplinar Trump. Qualquer movimento da sua parte que possa ser visto como uma falta de lealdade para com o Comandante em Chefe vai derrubar em sua cabeça o famoso "you're fired".

O que Trump está fazendo não é nem louco nem estúpido da sua parte, mas algo friamente calculado. Cada tweet, cada ato é usado para consolidar a sua base ultra[2].

Trump, como Sanders, sabia que 80% da população que tinha visto sua renda estagnar ou cair desde 2005 (segundo o Financial Times) e cuja situação global tinha piorado acentuadamente desde o crack financeiro, a grande recessão e suas conseqüências, estavam fartos do establishment.

Sanders então propôs suas reformas pró-trabalhadores enquanto Trump foi para o outro lado. O Partido Democrata rasgou Sanders em pedaços, enquanto Trump rasgou o establishment republicano em pedaços, uma tarefa à qual ele está novamente se dedicando com gosto.

A resposta de Trump foi recorrer ao racismo branco e tornar os imigrantes, estrangeiros, negros e não brancos responsáveis pelo sofrimento dos brancos que fazem parte desses 80%. Ele conquistou os mais duros racistas de todas as classes e eles se tornaram inabalavelmente leais a ele. Este grupo é menor do que a maioria dos brancos que votaram nele, mas é

significativo e conta com aproximadamente 10 milhões de pessoas. Estas pessoas foram vistas nos seus comícios, regozijando-se quando, por exemplo, os manifestantes negros foram maltratados.

Este grupo aplaude e não se assusta com os constantes ataques de Trump contra a mídia e o resto do establishment. Dirigiu-se aos trabalhadores brancos e pequenos empresários de forma demagógica, através de seu nacionalismo econômico (primeiro a América) que se encaixa perfeitamente em seu nacionalismo branco.

Apesar, ou melhor, por causa da sua beligerância contra o establishment, este apelo continua forte entre aqueles que votaram nele. Embora as sondagens devam ser feitas com pinças, indicam que cerca de 90% dos que votaram em Trump dizem que o fariam novamente. Entre os republicanos, ele continua a dar muito apoio.

No Congresso, o establishment conseguiu uma vitória sobre Trump. Foi a votação por partes para impor novas sanções contra a Rússia, supostamente por “interferência” nas eleições americanas. Trump, que quer melhores relações com a Rússia, não gostou desta lei. Uma cláusula diz que ele não podia alterar estas sanções e outras não o incomodavam em particular, uma vez que isso constitui, na sua opinião, uma usurpação dos seus poderes presidenciais contrária à Constituição.

A Alemanha opôs-se então veementemente a algumas das sanções propostas, porque teriam posto fim aos seus projetos de transporte de gás natural da Rússia para a Alemanha. O órgão dirigente da União Europeia (controlado pela Alemanha) chegou mesmo a ameaçar retaliar se as sanções fossem aplicadas. A lei foi reescrita a fim de eliminar dela qualquer ideia de sanções contra empresas americanas que negociam com a Rússia em questões energéticas. Isto provavelmente se estendeu também às empresas alemãs, ou talvez a Trump lhes tenha dado garantias

nos corredores. Como Trump vai implementar estas sanções, e mesmo que o seja, não é nada claro.

A assinatura desta lei por Trump irritou o governo russo, que o acusou de ter ignominiosamente capitulado ao estabelecimento e de ser fraco.

Em sua campanha eleitoral, ao lado de propostas brancas e economicamente nacionalistas, Trump se apresentou como um homem forte que poderia responder à perplexidade prevalecente no establishment político. As duas partes estão cheias de profundas contradições internas e também não apresentaram propostas realistas sobre como responder aos sofrimentos de 80% da população acima referidos. Trump, com suas “soluções” demagógicas, prometeu que poderia dar-lhes soluções e que só seria necessário confiar nele; disse que assumiria pessoalmente o governo e mostraria a saída do “pântano” em que o establishment havia colocado o país; em outras palavras, uma presidência autoritária liderada por um homem forte, com o apoio da democracia burguesa e um Congresso domesticado; terá que lutar mesmo antes de alcançar seu objetivo. Toda a investigação sobre as ligações e as finanças russas é a melhor esperança que o establishment atual tem de o impedir.

Concentrando-se agora em reforçar sua base, Trump está preparando suas tropas para batalhas ao longo de toda a linha. Ele está apenas no primeiro ano de seu mandato, o início de sua deriva autoritária.

Parte de seu trabalho para fortalecer sua base é feito por grupos de direita fora do Congresso. Ele acaricia Sean Hannity, da Fox News, e líderes de grupos como o Heritage Fundy Family Research Council, cujo chefe, Tony Perkins [que foi membro da Câmara dos Deputados da Louisiana; Perkins acusa os homossexuais de estarem na origem de desastres naturais, na medida em que é uma punição divina] esteve por trás da recente decisão de Trump de não mais autorizar pessoas transgêneros a se juntarem às forças armadas.

Trump e alguns membros de sua administração aproveitaram estes primeiros seis meses para solidificar o apoio destes grupos e outros pertencentes igualmente ao movimento conservador, “membros simples do Tea Party, opositores ao aborto, cristãos evangélicos e outros eleitores culturalmente tradicionais”, nas palavras de um artigo no New York Times sobre a “maneira quente” de Trump “estreitar a lei”.

Trump deu um novo passo no caminho anti-imigração com a sua nova política de restrição legal da imigração, limitando-a aos queixosos que já falam inglês fluentemente, têm diplomas escolares, já têm ofertas de emprego para empregos altamente remunerados, etc.

Quando Stephen Miller [ex-chefe de comunicações do então Senador Jeff Sessions do Alabama], um dos conselheiros políticos de Trump, deu uma conferência de imprensa na qual ele defendeu as novas restrições, um jornalista apontou que elas eram injustas. Miller então o atacou, acusando-o de revelar seu “lado cosmopolita”. A palavra “cosmopolita” tem sido há muito uma espécie de palavra “judia” para “judeu”, e é usada pela extrema-direita, onde o antissemitismo é forte.

Outro grupo pelo qual o Trump tem uma fraqueza é a polícia. Numa cerimônia policial recente, encorajou os policiais a espancarem os suspeitos e a não se preocuparem demasiado com os seus direitos, com grande alegria para as pessoas presentes. Os chefes de polícia se distanciaram depois de suas declarações, mas não os líderes das sociedades policiais “benevolentes”.

Dirige-se aos oficiais do Exército e da Marinha nomeando generais e almirantes para cargos superiores na administração. Ele também deixou o campo livre para os generais decidirem sobre a política militar nas guerras de Washington no Oriente Médio e em outros lugares. O apoio de pelo menos uma fração significativa das forças armadas seria necessário para que Trump fizesse uma mudança real e profunda para o

estabelecimento da presidência autoritária à qual ele aspira.

A maioria dos líderes de grupos socialistas nos Estados Unidos não vêem como um perigo que Trump possa estabelecer um regime autoritário. Ao contrário deles, a ativista e escritora Noami Klein, que está longe de ser marxista, é sensível a essa possibilidade. Em uma recente entrevista da Democracy Now!, ela expressou preocupação: na hipótese de um grande choque, como um ataque terrorista na escala do que foi visto na Inglaterra ou na França no ano passado, uma crise econômica ou um evento comparável, Trump poderia declarar um estado de emergência e isso poderia levar a um regime autoritário.

Uma intensificação da crise na Coreia poderia ser um desses acontecimentos. Não há nada melhor do que uma ameaça de guerra para unir a população em torno de uma bandeira e de um líder.

Outro aspecto da situação atual e futura do regime Trump é a atitude de setores decisivos da classe dominante capitalista. É importante ter em mente que quando falamos do establishment, não estamos nos referindo aos ápices da classe capitalista. Trump, ele próprio multimilionário, não faz parte desse Gotha, dominado por grandes famílias das classes dominantes, com a sua riqueza distribuída entre os membros da família, e disfarçado, mais ou menos, em fundações [para beneficiar de isenções fiscais] ou disperso em outras estruturas [tais como fundos de investimento, fundo fiduciário familiar], etc. Mas ele não se opõe a eles e não os considera como membros do establishment político, mas os convida a apoiá-lo, e confirma essa escolha nomeando bilionários em sua administração, assim como generais.

Actualmente, os grandes capitalistas gostam do que vêem nesta administração, o que se reflete na subida dos índices na bolsa (que não estão directamente relacionados com os fatores económicos mais fundamentais; os movimentos descendentes podem ocorrer como resultado de tensões geopolíticas não integradas nas expectativas dos "mercados"). Eles também gostam da

desregulamentação de Trump e outros políticos pró-negócios. Eles querem mais promessas, como um grande programa de infraestrutura [com financiamento favorável para seus interesses, bem como os efeitos multiplicadores do investimento] e uma contra-reforma fiscal que lhes agrade. Eles sabem que o maior obstáculo é, de facto, o poder político em Washington, que não consegue chegar a acordo sobre a questão de saber se e como fazer tudo isto.

Se os grandes capitalistas concluírem que Trump é um obstáculo para o futuro, eles vão cortar suas asas. Ou, se estiverem impacientes com as dúvidas em Washington, poderão dar o seu apoio a uma presidência autoritária do tipo Trump, ou a uma presidência de qualquer outra figura, para assegurar a estabilidade.

Original: [Viento Sur](#)